

O teatro na sala de aula: potencialidades do sentido estético no cotidiano escolar

Luciana Netto Dolci¹, Pauline Apolinário Czarneski Rezende²

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de compreender as percepções das crianças em relação às atividades de teatro na sala de aula e evidenciar em que aspectos o teatro favorece o aprendizado dos alunos. Os sujeitos desta pesquisa são alunos de uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental em uma escola pública da rede municipal da cidade do Rio Grande/RS que vivenciaram a elaboração coletiva na montagem de uma peça de teatro, intitulada Negrinho do Pastoreio. A coleta de dados ocorreu durante dez semanas e consistiu em observações, fotografias, entrevista individual e conversa coletiva com os alunos participantes. Os resultados obtidos evidenciaram a relevância da educação estética nas práticas de sala de aula, visto que os alunos apresentam melhoras em competências como: superação da timidez; construção do trabalho coletivo; resgate da autoestima e da autoconfiança; autorreflexão; disciplina; organização e capacidade de sentir-se feliz ao trabalhar com o lúdico.

Palavras-chave: Teatro na Educação. Coletividade. Educação Estética.

1 Professora Adjunta do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Possui Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Especialização em Metodologia do Ensino e Ação Docente pela Universidade Católica de Pelotas - UCPel. Graduação em Letras Português Inglês e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande.

E-mail: ldolci@hotmail.com

2 Pauline Apolinário Czarneski é pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande, Licencianda de Letras Português e Espanhol e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG

E-mail: paulineczarneski@yahoo.com.br

The theater in the classromm: potentialities of the aesthetic sense in the school daily

Luciana Netto Dolci, Pauline Apolinário Czarneski Rezende

Abstract:

This article aims to understand the perceptions of children in relation to the theater activities in the classroom and to highlight in what aspects the theater favors the students' learning. The subjects of this research are students of a class of the fourth year of Elementary School in a public school of the municipal network of the city of Rio Grande / RS that experienced the collective elaboration in the assembly of a play, entitled Negrinho do Pastoreio. The data collection took place during ten weeks and consisted of observations, photographs, individual interview and collective conversation with the participating students. The results obtained evidenced the relevance of aesthetic education in the practices of the classroom, since the students present improvements in skills such as: overcoming shyness; construction of collective work; recovery of self-esteem and self-confidence; self-reflection; subject; organization and ability to feel happy when working with the ludic.

Keywords: Theater in Education. Collectivity. Aesthetic Education.

1 Introdução

Neste estudo iremos discutir sobre uma atividade realizada em uma sala de aula do quarto ano do Ensino Fundamental. Uma atividade pautada na educação estética com que buscamos interpretar as percepções das crianças sobre o que foi realizado e compreender de que maneira esta atividade ecoa em cada uma delas. Podemos adiantar que, para um educador problematizador, que busca o envolvimento dos alunos nas atividades propostas e procura chamar o interesse deles para o desenvolvimento de algum projeto em sala de aula, esta é uma maneira lúdica e encantadora, para os estudantes e para o educador, pois é impossível não se envolver emocionalmente com a proposta da criação de uma peça de teatro e não se encantar com cada dia em que uma ideia diferente é apresentada pelos pequenos.

Foi possível perceber, ao longo da atividade proposta e a partir da leitura das entrevistas, que essa prática teve um sentido diferente para cada aluno, mas todos demonstraram interesse por algum aspecto significativo sobre ela, em nenhum dos relatos das crianças, nem mesmo nos questionários apareceram pontos de vista desfavoráveis sobre essa atividade. Reafirmamos essa percepção, pois ao retornarmos à sala de aula para a aplicação do questionário, após a realização da peça, construída coletivamente e chamada pelos alunos de “Negrinho do Pastoreio”, foi possível perceber o interesse deles pelo teatro, visto que muitos pediram que rerepresentássemos a peça, no final do ano letivo, para os pais, mas, o cronograma da escola, infelizmente, não permitiu que isso acontecesse.

Em síntese, a peça de teatro, intitulada “Negrinho do Pastoreio”, tinha o seguinte enredo: em um tempo de escravidão e sofrimento, um menino chamado por todos de “Negrinho do Pastoreio” sofre as adversidades, impostas por um Senhor, dono de terras, que lhe incumbe trabalhos difíceis e pesados para a sua idade. E essa difícil e atribulada história de uma conhecida lenda gaúcha foi escolhida pela turma do quarto ano para ser recontada pela ótica das crianças. Os seus olhares e as suas interpretações aliados à história original, motivaram uma maneira diferente de contá-la, dando-lhe um final arrebatador, que emociona e instiga reflexões sobre a escravidão, a crueldade e o preconceito racial vivido, infelizmente, nos dias atuais. A turma escolheu falar sobre a opressão vivida pelo pequeno escravo, a religiosidade envolvida na história, através da fé do Negrinho do Pastoreio em sua madrinha, Nossa Senhora. Além disso, os alunos se sentiram felizes em representar a maneira como a história se desenrola e termina com o menino indo ao encontro da madrinha, comprometendo-se a ajudar as pessoas, que, como ele, precisam de justiça e proteção.

Com base nos argumentos desses alunos, além das pesquisas realizadas sobre o tema em questão, percebemos que existe uma carência de atividades que deem espaço à emoção, ao ato de criar, à liberdade de manifestar os sentidos. É nesses casos, mais especificamente, que concentramos os nossos estudos, pois acreditamos que a educação

estética seja capaz de desenvolver nos sujeitos a atividade criadora, de promover a “emancipação completa das qualidades e sentidos humanos” (MARX, 2010, p. 109) e na escola é o lugar adequado de instigar esse desenvolvimento, revendo os conceitos e pré-conceitos já construídos e avançando para uma nova dimensão da vida humana. Assim, a educação estética está presente na discussão que este artigo propõe pela possibilidade de romper a limitação da capacidade subjetiva sobre determinada atividade artística, poia a criação artística terá sentido se apresentar sentido para o sujeito.

E, assim, percorremos os caminhos, aventurando-nos em estudos com o fim de aprofundar o conhecimento científico no campo da relação entre o teatro e a educação, fazendo parte dessa conversa a educação estética na prática docente, pois compreendemos que, para Marx, a “estética é libertação, transformação, práxis revolucionária, desalienação; enfim, é a educação da consciência.” (DOLCI, 2014, p.30).

Com isso, o principal objetivo relacionado à escrita deste trabalho é o de analisar e compreender as percepções dos alunos do quarto ano de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, com relação à atividade do teatro e, também, destacar em que aspectos o teatro é propício ao aprendizado das crianças dessa turma em estudo.

2 Tecendo os meios do trabalho com o teatro: “Sabemos o que queremos, mas como queremos?”

Nesta parte do trabalho, pretendemos falar das metodologias abordadas durante as atividades propostas, articulando, brevemente, o contexto em que os indivíduos fizeram parte dessa experiência, de como o trabalho foi pensado e, posteriormente, de como esse processo foi estabelecido com a turma. Inicialmente, faz-se necessária uma breve contextualização sobre a turma, crianças que ficarão eternamente marcadas em nossas memórias.

A instituição escolhida para desenvolver esta pesquisa foi uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, situada próximo ao centro da cidade de Rio Grande/RS, com alunos moradores dos bairros que a rodeiam, todos com acesso à internet em suas residências e com fácil acesso à bibliografia, disponível na biblioteca escolar, utilizada durante a realização deste trabalho.

Os momentos vividos durante a realização desta pesquisa foram compartilhados com um plantel de vinte e cinco alunos³ assíduos, com idades entre nove e dez anos, com sua diversidade compondo um grupo de crianças interessadas, participativas e atuantes. A partir de observações durante a conversa coletiva, podemos destacar que são crianças que sabem se posicionar criticamente frente a uma questão que lhes seja colocada, indivíduos prontos para discutir questões atuais da sociedade, com pontos de vista diversos, mas que se respeitam em sala de aula e sabem ser crianças, brincam,

3 Nesta pesquisa, não havia alunos com necessidades educacionais especiais.

e se divertem em tudo o que fazem, doando-se inteiramente, sem medo de errar ou acertar, sabendo que isso os ajudará.

O professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. (SALTINI, 2008, p. 63)

E, para finalizar esta pequena contextualização sobre esse grupo de crianças, salientamos da citação acima que o professor precisa buscar conhecer seus alunos, não só coletivamente, mas em sua individualidade, na esfera afetiva do convívio. Desse modo, ele poderá compreender suas necessidades e suas vontades, e esta observação permitirá um olhar mais especializado sobre sua turma, oportunizando um planejamento mais íntimo das atividades, que considere, efetivamente, os sujeitos em ação.

Este trabalho também foi pensado para promover momentos de reflexão sobre os temas a serem abordados com a aspiração de proporcionar práticas que permitam uma ponderação sobre o olhar estético. A ideia de abordar o teatro surgiu a partir de um projeto desenvolvido durante as dez semanas de inserção na referida turma, intitulado: “Conhecendo o povo gaúcho da cidade Noiva do Mar.” Logo, buscamos um meio de adequar este tema à linguagem teatral, tarefa difícil, já que todas as ideias que surgiam, por algum motivo, eram descartadas.

Sob a denominação de Temas Locais, os Parâmetros Curriculares Nacionais pretendem contemplar os temas de interesse específico de uma determinada realidade a serem definidos no âmbito do Estado, da cidade e/ou da escola. Uma vez reconhecida a urgência social de um problema local, este poderá receber o mesmo tratamento dado aos outros Temas Transversais (BRASIL, 2014, p.28).

A citação acima expressa a importância de pensarmos em temas locais/regionais no trabalho em sala de aula. Por esse motivo, o tema da cultura gaúcha emergiu no trabalho desenvolvido. Vale dizer que os temas locais que trabalhamos durante o projeto em que se realizou esta pesquisa, considerados de urgência social, são temas que refletem o pertencimento à cultura gaúcha, conhecimento das artes, das danças, das músicas e dos artefatos culturais específicos do estado onde vivemos. Trabalhamos, ao longo desse período, a culinária gaúcha, com pratos típicos, roda de chimarrão e frutos locais. Além disso, trabalhamos a literatura gaúcha, com poesias, lendas e palavreado típico. Foram trabalhadas também características da cidade de Rio Grande, como o hino, brasão, bandeira e localidades. Desse modo, articulando com o que destacam nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2014), é importante que se trabalhe essas questões culturais locais e regionais nas escolas, para que as crianças construam um conhecimento que lhes propicie o sentimento de pertença à cultura e à história de seu estado.

A questão central era: como trabalhar o teatro voltado para este tema? Várias ideias surgiram, pensamos em construir um trabalho teatral sobre a Revolução Farroupilha, mas o propósito era vazio, pois abordaria um tema histórico gaúcho, mas que importância teria para o projeto e para as crianças?

Foi pensando nessas questões que outra ideia surgiu: - e se fizéssemos uma peça de teatro sobre os modos como as pessoas viviam em nossa cidade? Seria, sim, um tema condizente com o projeto, mas talvez não fosse lúdico e, tampouco, de importância irrefutável em relação aos temas da cultura gaúcha que estavam sendo abordados.

O projeto focou nas expressões tipicamente gaúchas observadas na cidade do Rio Grande, perpassando a culinária, o linguajar típico, a cultura das danças, as músicas, os poemas e uma lenda gaúcha muito conhecida em nossa cidade. Então, quando a ideia da lenda surgiu, foi o que pensamos: nada melhor que dramatizá-la. Assim, o teatro estava em nossos planos, mas ainda sem um rumo, sem a definição sobre como seria. Entretanto, após uma aluna apresentar um livro⁴ que conta a lenda do “Negrinho do Pastoreio”, é cabido esclarecer que essa obra aborda questões sociais sobre a escravidão, a religiosidade e a cultura gaúcha, abriu-se, então, a partir desse livro um novo leque de opções e, enfim, pudemos dizer que o trabalho com o teatro estava tendo a sua possibilidade.

A partir da abordagem dessa lenda, percebemos que o trabalho com o teatro iria muito além do desenvolvimento do sentido estético, que seria possível abordar temáticas sociais, como a da escravidão, de uma maneira que ficasse mais acessível às crianças e de forma lúdica. Essa ideia proporcionou discussões sobre discriminação, na época era muito falada a questão do racismo em jogos de futebol e fomos tecendo, juntos, uma ponte entre o tempo em que o “Negrinho” supostamente viveu e a atualidade.

Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem. A sociedade brasileira é formada não só por diferentes etnias, como por imigrantes de diferentes países. Além disso, as migrações colocam em contato grupos diferenciados.[...] O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etno cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural (BRASIL, 2014, p.27).

O trecho citado enseja uma reflexão bastante importante sobre o trabalho com as diferenças e essa proposta possibilitou trabalhar a cultura gaúcha em diálogo com a cultura afro brasileira. Por isso, o teatro teve bastante relevância nessa atuação em sala de aula, permitindo explorar outros aspectos importantes da sociedade.

A pergunta colocada no título desta seção: “sabemos o que queremos, mas como queremos?”, fez-se necessária, pois sabíamos que queríamos articular uma peça de

4 O livro usado (URBIM; ROSA, 2004) consta da lista de Referências ao fim deste artigo.

teatro com as crianças e que era uma vivência que poderíamos proporcionar a elas. Pautadas em nossas crenças de que devemos partir do conhecimento dos alunos, conseguimos iniciar o processo com a ideia de uma aluna que relacionou o livro que tinha em casa com o que vinha sendo trabalhado em sala de aula, possibilitando o trabalho com o teatro.

Nesse ponto, já estava bem definido o que seria feito e os objetivos a serem alcançados com esta prática. Sendo assim, começavam a surgir dúvidas sobre os planejamentos: - como executaremos esta ideia e de que maneira torná-la interessante aos olhos das crianças? Ao longo do trabalho, tivemos inúmeras dúvidas sobre o fazer em sala de aula, o que possibilitou uma reflexão apurada sobre o que seria abordado ou não.

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. (OSTETTO, 2000, p. 177).

Nessa perspectiva explicitada por Ostetto, foi proposta a reflexão sobre as práticas realizadas até aquele ponto e os meios de abordagem que haviam funcionado e, desse modo, foi possível traçar um novo horizonte para o trabalho com teatro, o que permitiu uma abordagem completamente diferente. Primeiramente, a proposta de trabalho que, em vez de simplesmente expor em sala de aula o que deveria ser feito, surgiu a partir de uma carta “mágica”, de um metro por um metro e meio, vinda do próprio “Negrinho do Pastoreio.” Ressaltamos que essa carta foi elaborada por uma das professoras participantes da pesquisa, com o intuito de motivar os alunos para o trabalho proposto. Nessa carta, o “Negrinho do Pastoreio” convidava os alunos para que conhecessem mais a sua história e os desafiava a fazer uma peça de teatro abordando o que ele havia passado.

Com o recebimento dessa Carta, a euforia foi inevitável, as crianças adoraram a mensagem e foram unânimes em decidir por se envolverem nesse desafio e estudar a história do “Negrinho.” Esse meio de abordagem foi um diferencial para a concretização do processo criativo de toda a peça, pois como fora um desafio do personagem da história, eles se comprometeram a cumprir o que foi solicitado, ou seja, decidiram aceitar o desafio proposto pelo “Negrinho do Pastoreio” de criarem uma peça de teatro contando a sua lenda, participando de toda a sua elaboração. O papel da professora, nesse ponto, foi o de mediadora, observando e facilitando a execução de cada uma das partes do processo, mas não se fez necessário um envolvimento direto, pois a criação e execução ficaram a cargo das crianças.

Os projetos de trabalho nesta perspectiva – definidos, construídos e avaliados coletivamente pelo grupo de alunos e alunas e professores e professoras – se configuraram como produto de uma

negociação onde se busca satisfazer os interesses individuais e cumprir um fim social. Permite que os estudantes ao decidirem, opinarem, deliberarem, construam sua autonomia e seu compromisso com o social. Esse processo exige que se ofereça aos estudantes experiências de aprendizagens ricas em situações de participação. Não se forma um sujeito participante e autônomo falando sobre autonomia e democracia e, sim, exercitando-as. (XAVIER, 2001, p. 24-25).

Essa proposição de Xavier vem ao encontro da prática desenvolvida nesta turma e, em uma perspectiva de criação coletiva, seus alunos estiveram imersos em situações que requeriam autonomia, colaboração e democracia. Esses valores foram sendo fomentados ao longo da produção de cada parte da peça de teatro. Iniciamos pela democracia, para que não houvesse brigas desnecessárias, foi realizada uma votação em sala de aula, organizada pelos alunos e mediada pela professora, para decidir quem assumiria cada papel na peça de teatro.

Ainda nessa concepção de desenvolver valores nas práticas exercidas, foi possível perceber a colaboração entre os pares nos momentos de criação coletiva, como na criação das falas da peça, na confecção dos cenários e dos figurinos, tarefas realizadas pelas crianças e mediadas pela professora. Vale dizer que foi possível perceber a colaboração entre eles no trabalho em grupo, o respeito pela ideia do colega e a participação de todos nos momentos de criação.

Após a organização dos personagens, a construção das falas, dos cenários e dos figurinos, era evidente que mais um desafio a ser ultrapassado na execução dessa prática se apresentava: os ensaios. Para a realização dos ensaios, as crianças precisavam de alguém que organizasse os acontecimentos, tais como: o figurino, o cenário, as falas, o enredo e a trilha sonora, por esse motivo, reforçamos que se faz necessário um professor mediador para orientar esse processo de desenvolvimento do teatro em sala de aula. Os ensaios foram marcados por muita diversão, diálogo, empenho e parceria, juntos, os pequenos propiciaram boas risadas. Mas, como explicamos para a turma, para acontecer essa prática, era preciso ter em mente que teatro é comprometimento e devemos nos divertir com responsabilidade.

Enfim, chega o dia da apresentação da peça Negrinho do Pastoreio, a grande estreia tão sonhada e ensaiada. Para a apreciação do trabalho realizado, foram convidados os responsáveis pelas crianças e os alunos de outras turmas da escola para assistirem à encenação. A apresentação foi regada a muita emoção e entusiasmo, as crianças deram um verdadeiro show de interpretação e conseguiram aflorar na plateia uma comoção pelas cenas tristes, de maus tratos ao “Negrinho”, e muitas risadas nas partes engraçadas da peça.

Ao final da apresentação, um grande grupo de pais relatou sobre como os filhos se comprometeram em todas as fases da construção da peça. Ao olhar dos responsáveis, foi um acontecimento promissor e trouxe resultados favoráveis para as crianças. As professoras da escola e as pessoas responsáveis pela gestão escolar, também acharam

incrível que, em um pequeno período de tempo, tivesse sido realizada toda a criação da peça e os ensaios em sala de aula, sem que os conteúdos das outras áreas do conhecimento, previamente pensados para a turma, fossem negligenciados. O teatro teve grande repercussão na escola e esse foi um dos resultados desse nosso trabalho, pois acreditamos no potencial de inserir a educação estética por meio do teatro na sala de aula com o intuito de despertar nos alunos “seus inesgotáveis impulsos criadores e orientá-los a novas buscas e descobertas.” (ESTÉVEZ, 2003, p. 81). Acreditamos no teatro em sala de aula enquanto prática educacional potencializadora de uma educação crítica. Segundo Belinky e Gouveia (1990), entre as várias funções do Teatro para crianças e adolescentes, uma das mais importantes – talvez a mais significativa –, é a função de educar. Para os autores, educar é fornecer os instrumentos intelectuais, morais e éticos necessários à criança, visando a sua integração individual, familiar e social, de forma consciente e responsável. Nessa concepção, o teatro torna-se uma forma de educar que, ao invés de “fazer a cabeça” do aluno, “abre a cabeça” do educando, tornando-o apto a avaliar por si mesmo o “bom” e o “mau”, o “certo” e o “errado” (BELINKY; GOUVEIA, 1990).

Conforme Leal (2000), o teatro oferece novos modos de aprender, propiciando que exista um fluxo permanente de interesse, diferentemente do fluxo sincopado na abordagem dos conteúdos de cada matéria que costuma caracterizar o ensino em uma classe escolar. O teatro é uma forma de expressão do homem, uma linguagem que ganha espaço nos fluxos lúdicos infantis, necessários à capacidade perceptiva que a criança vai construindo através das linguagens expressivas. É importante para as crianças e, mais tarde, para os adolescentes e os adultos, que não se percam os seus fluxos lúdicos, mas que sejam canalizados para essas linguagens expressivas. Buscamos sempre, no caminho da Arte, especialmente do teatro, representação múltipla e insólita, a maneira de manterem-se em vigília as inalienáveis subjetividades. Nesse sentido,

A ludicidade é inerente às crianças e por isso representa uma das formas de descobrir aos poucos o mundo, quer por meio de suas criações, quer por meio de seus desafios. Daí a necessidade de promover momentos lúdicos, visto que a partir desse contato não se efetiva apenas o brincar, mas o desenvolvimento e a formulação de conceitos. (SOUSA, 2016, p. 104).

Acreditamos que o teatro torna-se importante na sala de aula, por possibilitar que a criança seja mais autônoma e que assuma um papel crítico em sua formação. Para constatar essa importância, elaboramos algumas questões que contemplassem os sentidos e os significados do teatro na vida dos estudantes da turma, em um estudo após a conclusão do trabalho desenvolvido na classe. Nesse sentido, pensamos em questões que contemplassem os objetivos deste trabalho, sendo assim, retornamos à escola para realizar a última coleta de dados: a conversa coletiva e a entrevista individual com os alunos que tinham vivenciado o teatro.

Então, aproximadamente dois meses após o término do trabalho na turma, realizamos a entrevista em forma de questionário, com o intuito de constatar a percepção dos alunos sobre a atividade do teatro, bem como para saber de que maneira o teatro marcou o aprendizado daquelas crianças. Salientamos que tivemos uma grande surpresa, em todas as respostas dos educandos, o teatro apareceu como atividade satisfatória e prazerosa, contemplando o momento de aprendizagem lúdica. Elaboramos as seguintes perguntas que foram respondidas pelos vinte e cinco alunos participantes da prática teatral:

- 1) Qual a atividade realizada durante o desenvolvimento do projeto, nas dez semanas em que convivemos, que achaste mais importante ou que mais gostaste de fazer?
- 2) O que o teatro significou para ti?
- 3) Durante a construção da peça de teatro, o que tu mais gostaste de fazer?
- 4) Escolhe um nome⁵ bem criativo para ti:

Vale esclarecer que esta pesquisa de abordagem qualitativa, que trabalha com os sentidos e com os significados do objeto investigado no intuito de desvelar o estudo “das relações, [...] das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como [...] constroem artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.” (MINAYO, 2010, p. 57). Quanto aos seus objetivos, esta é uma pesquisa exploratória, pois busca “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35). Quanto aos procedimentos, é classificada como uma pesquisa participante, planejada com o propósito de uma ação emancipatória, a ser mobilizada com uma determinada turma escolar, para aprofundar ensinamentos acerca do teatro na educação.

Desse modo, podemos dizer que o trabalho com o teatro desenvolvido durante dez semanas, reforçou ainda mais a nossa crença de que uma educação voltada ao sentido estético é possível, desde que o professor tenha metas bem traçadas em suas práticas docentes e persista com dedicação e perseverança. A vida docente é repleta de surpresas e, a cada dia, aparecem novos desafios e encantamentos, sendo gratificante depararmos com uma prática planejada e desenvolvida com tantos desejos implicados e que apresenta resultados significativos, tanto para os alunos quanto para a professora.

3 Os sentidos e os significados do teatro na sala de aula do quarto ano

Esta seção objetiva analisar, qualitativamente, as respostas dos alunos às questões do instrumento de coleta de dados aplicado, individualmente, na turma em estudo, articulando a teoria que fundamenta os estudos e os resultados voltados ao sentido estético da prática do teatro em sala de aula. São contemplados, a seguir, os princípios da nossa interpretação no que diz respeito aos sentimentos e às percepções manifestadas

⁵ Os nomes escolhidos pelos alunos foram os usados nas análises, para preservar a identidade das crianças. Todos os nomes usados foram escolhidos por eles.

pelas crianças, buscando compreender e elucidar os pontos mais significativos do trabalho com o teatro em sala de aula.

Primeiramente, faz-se necessária uma apresentação do modo como esta análise foi realizada, de maneira a interpretar os escritos das crianças que foram os objetos de pesquisa deste trabalho, respaldando-nos em Bardin (2000) e Franco (2007) para realizar este procedimento de análise.

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2000, p. 42).

Baseada na perspectiva de Bardin (2000), esta análise partiu de uma exploração do material, uma leitura realizada com o intuito de conhecer as respostas apresentadas pelos alunos e destacar os pontos principais a serem abordados mediante a constatação dos resultados encontrados. E, ainda com base nessa perspectiva, buscamos detectar os pontos pertinentes a serem destacados, de modo a contemplar os objetivos propostos para este trabalho, proporcionando uma constatação efetiva dos relatos das crianças.

Dando início ao processo de análise de dados, partimos da ideia de trabalho coletivo que o teatro proporciona:

O Teatro é um trabalho permeado pela idéia de coletivo, de grupo; idéia esta indispensável para a prática teatral, estimulando nos educandos a troca de conhecimento, o questionamento, a interação e a colaboração de todos os envolvidos no processo de criação e construção do próprio saber. (DOLCI, 2003, p. 45)

A proposição citada acima permite-nos uma reflexão sobre o trabalho em grupo que o teatro proporciona em sua execução. Dolci (2003) esclarece a ideia de que o teatro possibilita momentos de coletividade, trabalho em equipe, o que fica muito evidente na fala de Marceline: *“Eu achei importante a gente fazer o teatro, porque nós ficamos juntos e nos ajudamos.”* A declaração dessa menina do quarto ano reflete a marca do trabalho em grupo, pois ao dizer *“porque nós ficamos juntos e nos ajudamos”* ela destaca o movimento de compartilhar aprendizagens com os colegas na hora da elaboração da peça teatral.

Mais uma aluna (Coruja) indica esta satisfação do trabalho em equipe, quando fala: *“Adorei montar o cenário da peça com todos os meus amigos.”* Ela traz a questão da montagem da peça em grupo, a importância do coletivo nos afazeres de sala de aula. Articulando com a fala da aluna Coruja, é importante ressaltar que os alunos destacaram muitas questões sobre a montagem da peça, ou seja, os alunos participaram ativamente de toda a criação, organização e montagem dos materiais, falas e adereços utilizados na composição do espetáculo. Segundo Sousa (2016, p.

90), “o teatro, nesse sentido, não tem função apenas de divertir, mas problematizar determinadas situações por meio da efemeridade da cena e da conexão criada entre ator e plateia.” Assim, acreditamos que

Para acontecer o espetáculo teatral, existe a necessidade da participação de todos os alunos, atuando nos elementos que compõem a peça: iluminação, construção do cenário, elaboração do figurino, execução da música, algumas vezes tocando um instrumento. Ainda em relação ao trabalho em grupo, aprendem que a presença da plateia é imprescindível para acontecer o Teatro, pois com um sujeito apenas não existe o espetáculo [...] Vários alunos trabalhando com todos esses elementos simultaneamente vão percebendo como isto gera envolvimento e entrosamento entre eles, formando o grupo. O Teatro é um espetáculo que exige troca de idéias entre os alunos-atores e o professor-diretor, propiciando a todos do grupo opinarem e darem sugestões, o que é fundamental à comunhão de todos os integrantes e à realização prazerosa das atividades necessárias à construção de um espetáculo. (DOLCI, 2003, p. 46)

Dolci no trecho acima, salienta a questão da construção coletiva em todos os momentos de criação que antecedem a estreia da peça de teatro. No caso da peça produzida pela turma do quarto ano do Ensino Fundamental, foram realizadas votações para eleger quem representaria cada papel na peça, também foram construídos coletivamente os figurinos e cenários, bem como foram definidas as falas que seriam utilizadas na encenação. Kaka nos diz: “*Eu adorei fazer as roupas do teatro.*” No trecho a seguir, percebemos que o aluno Garfio empenhou-se em colaborar na construção coletiva do figurino e que gostou de participar desse momento: “*Eu achei mais divertido durante a construção da peça foi fazer as coisas, construir as roupas, as cabeças de cavalo.*” Esta declaração vem complementar o pensamento exposto pela outra estudante. Com base nessa fala do aluno Garfio, ratificamos nossa crença de que o teatro na escola precisa ser absorvido como processo de aprendizagem e não como produto, as representações feitas pelos alunos precisam visar o benefício deles mesmos, favorecendo-lhes o desenvolvimento. Pensamos que promover improvisações teatrais pode ter, efetivamente, resultados qualitativos no desenvolvimento dos alunos, se o objetivo traçado incluir o educando e seu processo, e não visar apenas a exibição.

Mas, além das roupas, os alunos salientaram outros aspectos importantes de serem destacados sobre as construções coletivas e a socialização entre os pares durante esses momentos. A aluna Débora faz a seguinte colocação: “*A atividade que mais gostei foi o teatro, nós fizemos o cenário, fizemos chicotes de tecido para bater no Negrinho do Pastoreio, eu fui um cavalo e gostei muito. E eu adorei fazer o fundo da peça.*” Essa menina demonstra, com sua fala, que se sentiu bem em todos os momentos de construção estabelecidos e que, mesmo não ficando com um dos papéis de destaque da peça, ela se divertiu muito com seus colegas na construção dos objetos utilizados.

Outro aspecto importante, imprescindível ser ressaltado, diz respeito à superação da timidez. Até mesmo os alunos mais tímidos acabam banhando-se no deleite do teatro e entregando-se ao momento lúdico e descontraído. Vale explicar que, na

sala de aula desse quarto ano, havia um menino que escolheu se chamar Kiba, e era considerado quieto, não tendo o costume de interagir com os colegas nem com a professora regente da turma. Durante toda a inserção para o desenvolvimento desta pesquisa com o teatro na sala de aula, preocupou-nos essa situação e focamos no envolvimento desse menino, em possibilitar atividades que o envolvessem de maneira convidativa para que ele se sentisse confortável em participar do que estava sendo proposto. Podemos dizer que, aos poucos, ele foi se sentindo mais confortável e mais autoconfiante na turma, participando, cada dia mais, das práticas propostas, deixando-nos felizes por termos conseguido romper com o seu silêncio. Outro ponto relevante foi a sua participação e sua entrega nos ensaios e no dia da apresentação da peça. Nesses momentos, nós acreditávamos que Kiba, iria se sentir constrangido e se afastaria dos “holofotes”, contudo, foi nessas atividades que ele mais participou e escreveu algo bem interessante em seu questionário: *“Eu gostei muito, muito de fazer o teatro e de participar, quando eu estava ensaiando a peça eu me senti muito feliz.”* Podemos dizer que o teatro possibilitou que esse aluno se sentisse integrado ao grupo, conseguindo interagir com os colegas no processo de construção da peça, em concordância com o que afirma Dolci (2003, p.48) “percebe-se também como um aspecto importante para a socialização o aluno perder a timidez.”

No entanto, não foi somente na fala desse aluno que percebemos essa consciência de se sentir feliz com a ludicidade do teatro, pois o teatro promove momentos únicos de interação com os pares e possibilita uma satisfação pessoal, como podemos observar no que disse Airton: “O teatro para mim foi realizar uma conquista, uma felicidade, uma maneira de levar minha vida mais alegre, e também aprendi bastante coisa nova, fazer coisas novas isto é muito bom.” Na fala desse estudante notam-se as intervenções positivas que o teatro propiciou e a reflexão que ele fez sobre seu comportamento e seus sentimentos após a realização do teatro.

Conforme Reverbel (1997), o teatro propicia ao aluno superar a timidez, porém, para o aluno sentir-se seguro em interpretar uma personagem, devem ser oferecidas diversas oportunidades, em um clima adequado para a atuação, pois cada aluno cria na medida de suas possibilidades. Nesse sentido, o teatro desempenha papel importante na vida dos alunos, eles expressam os seus sentimentos e as suas emoções por meio do personagem. Ao serem assistidos pelo público, sentem-se mais confiantes e seguros de que são capazes de manter uma plateia atenta, olhando-os, enxergando-os e admirando o que eles estão apresentando. Esse tipo de expressão estimula a autoconfiança e proporciona a esses educandos uma base para a vida adulta.

De acordo com Brook, os alunos-atores geralmente são inseguros e sensíveis, por isso necessitam ser protegidos pelo silêncio, pela intimidade dos ensaios e pelo segredo das encenações. “Havendo essa segurança, pode-se experimentar livremente cometer erros com a certeza de que fora das quatro paredes ninguém vai ficar sabendo.” (BROOK,

2002, p. 86). A partir deste instante, o aluno começa a sentir a força que o ajuda a abrir-se, emocional e expressivamente, tanto para si mesmo como para os outros.

A atividade lúdica e prazerosa do Teatro funciona também como “*uma válvula de escape para os alunos (E1, E5, E6)*”, “*pois esses possuem várias obrigações e compromissos, encontrando no exercício teatral o único lugar em que eles conseguem relaxar e, conseqüentemente, eles não querem sair (E5)*.” Sendo assim, o Teatro é o lugar para descontrair, refletir, aprender e estabelecer um novo olhar sobre a realidade em que vive, exercendo um outro trabalho diferente dos realizados na sala de aula. Os alunos que praticam esta atividade têm espaço para desenvolver as suas capacidades em um ambiente propício para que haja a liberdade de criar, de existir e de ser, vinculada às ações conjuntas com o outro. Desse modo, os educandos liberam as emoções, conseguem expor seus problemas, suas angústias e seus anseios por meio dos personagens [...] (DOLCI, 2003, p.68).

A citação acima esclarece a questão discutida anteriormente. O teatro proporciona, com sua ludicidade, momentos divertidos, que possibilitam esta reflexão sobre as mudanças que ele propicia. Rayssa nos relata: “*O teatro significou para mim uma coisa muito importante, e depois do teatro eu fui mais alegre.*” Essa fala está cercada de sentimentos, pois a menina de apenas dez anos nos elucida, em poucas palavras, a diferença que o teatro proporcionou em sua vida e como foi importante para ela, por ter se tornado uma pessoa mais alegre. Nesse mesmo sentido, Jhonas tem a dizer: “*O teatro foi divertido, muito legal mesmo, e a professora é bem alegre, eu adorei tudo do teatro, que bom que foi tão legal.*”

[...]a prática do Teatro na Escola favorece o resgate da autoestima do educando, pois se sente realizado pelo trabalho desempenhado, tornando-se mais autoconfiante e gostando mais de si mesmo. Dessa maneira, verifica-se que o aluno apresenta um olhar e um posicionamento aprimorados, consistentes e prudentes acerca das pessoas e do mundo em que vive, sentindo satisfação e orgulho em participar de um grupo teatral. (DOLCI, 2003, p.80)

A partir do que expõe Dolci, podemos dizer que os educandos adquirem, ao passar do tempo, a elevação de sua autoestima, tornando-se cada vez mais autoconfiantes em suas ações diárias em sala de aula. James em seu depoimento, traz essa autoconfiança: “*A criatividade da gente aumentou muito com o teatro que minha turma fez.*” E, além dessa autoconfiança, observamos também, nessa fala, um sentimento de pertencimento muito claro, ele deixa expresso que o teatro foi realizado pela turma, pelos pares, juntos, trabalhando coletivamente. Essa autoestima elevada é percebida também na resposta da aluna Selena: “*O teatro significou para mim, respeito, atuação bem feita e disciplina.*”

Na fala de Selena, percebemos duas palavras que remetem a outra reflexão, são elas: “*respeito*” e “*disciplina.*” Essas duas palavras mostram uma autorreflexão e um

6 As siglas E1, E5 e E6 dizem respeito a uma pesquisa realizada com professores que trabalham com teatro na escola, denominados pela autora como Especialistas (E) e mencionados em seu trabalho científico com a inicial E, com os números correspondendo aos sujeitos da pesquisa em questão.

pensar crítico sobre aspectos que são iminentes no trabalho com o teatro. E esses dois pontos aparecem em várias respostas das crianças, sempre associadas à perspectiva construtiva do teatro, como observou Niki: “*O teatro foi muito legal mesmo, mas o que eu gostei mais foi a diversão, sim diversão e disciplina.*” Atentamos, nessa fala, que o aluno não expõe a disciplina como algo depreciativo, mas construtivo, pois ele compreendeu que, para se obter uma organização adequada no processo de criação, é necessário que se estabeleça uma disciplina. Vale explicitar o nosso entendimento do conceito disciplina, neste estudo. A disciplina a que estamos nos referindo não é a imposta como se pensava em pedagogias hoje já ultrapassadas, de uma educação tradicional⁷, em que ocorre uma relação passiva do aluno, sendo ele apenas ouvinte e não agente do processo de ensino e aprendizagem (FREIRE, 2000). Estamos falando de uma disciplina interna, pessoal, que reconhece uma organização para a realização de uma atividade.

Para complementar essa perspectiva, trazemos a colocação de uma aluna, a Godofreda, que apresenta, claramente, o seu ponto de vista sobre essa disciplina mencionada por alguns dos alunos. “*O teatro para mim significou ter disciplina com as coisas que realmente são importantes para mim e para as outras pessoas também.*” Essa menina conseguiu identificar que é preciso organização nas atividades que são importantes e que se tem prazer em realizar, e mesmo quando é algo significativo à outra pessoa também é dever de cada sujeito envolvido no grupo ser responsável para que se consiga ajudar de alguma maneira o outro. Conforme Dolci (2003, p. 62) “a atividade teatral promove no aluno o exercício de um olhar mais detalhado e aprimorado sobre o próprio eu”, ou seja, “*uma autorreflexão e um autoconhecimento interior, como os outros me olham, me vêem e como eu me percebo dentro desse grupo de Teatro (E5).*” (Ibidem).

O trecho acima vem ao encontro do que aqui se coloca em discussão, reafirmando que o aluno, ao participar do teatro, adquire a consciência de sua importância para o grupo, ele percebe que o grupo precisa dele e ele dos demais. Nesse sentido, é estabelecida uma relação de comprometimento, pois se eu preciso de ti e tu de mim, é necessário que haja uma partilha, uma contribuição e uma entrega mútua de um ao outro. Acreditamos que, apoiada neste pensamento, é que a aluna Godofreda apresentou a sua ideia.

Nesse sentido, Dolci (2003) revela que “o Teatro proporciona aos alunos um desenvolvimento [...] emocional, [...] intelectual e corporal.” (DOLCI, 2003, p. 60), o que está em sintonia com o significado daquilo que a aluna Angelina expressou:

⁷ Entendemos por educação tradicional a que é conceituada por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2000), como educação bancária, em que há a imposição do conhecimento realizado pelo professor sobre o aluno na medida em que o professor faz a exposição de conteúdos e os alunos permanecem em uma atitude passiva de mero recebimento desse conhecimento, ou seja, o professor dispõe do conhecimento sendo possível sua ação de depósito desse conhecimento nos alunos.

“A atividade que achei importante foi a peça de teatro do Negrinho do Pastoreio, ela mostra pra os que não conheciam, e relembra uma lenda muito antiga e bonita.” E, ainda, nos diz que *“com o teatro consegui falar sobre a lenda com os colegas e não senti vergonha de falar e de apresentar a peça.”* Aqui a aluna demonstra toda a intencionalidade escondida por trás da proposta, ela desvenda o nosso intento com este trabalho, desmembrando a ideia do teatro à lenda, demonstrando o aprendizado sobre o tema. Como Dolci (2003, p. 74) nos mostra: “primeiramente, verificam-se mudanças na maneira do aluno posicionar-se nas discussões e debates realizados no grupo, na relação dialógica com os seus colegas com os quais compartilha ações no contexto dos seus relacionamentos.” Podemos constatar que o envolvimento com o trabalho teatral propiciou que essa aluna se mostrasse mudada em seu posicionamento, demonstrasse desenvoltura e, ao mesmo tempo, conhecimentos suficientes para discursar sobre a lenda apresentada como motivadora para a realização da peça. Para Sousa (2016, p. 88) “a arte é necessária à formação humanitária, pois, ao mesmo tempo, em que denuncia e problematiza as mazelas, também se fortifica por meio de sua função estética no processo histórico cultural do município.”

Acreditamos que o teatro seja capaz de modificar o pensamento, mudar (pré) conceitos e transformar as ações dos sujeitos por meio da representação de um papel, uma vez que o aluno irá manifestar, através da linguagem oral e gestual, o modo como age no seu cotidiano, ou seja, tanto na escola como na família. Ao representar um personagem, irá pensar e refletir a respeito de determinada atitude e, assim, terá a oportunidade de mudá-la, já que ao se ver em cena, esse poderá ser o início do caminho da transformação possível. Conforme diz Boal (2010, p. 31), “a direção da caminhada é mais importante do que o tamanho do passo.” Por isso, para Dolci (2014, p. 47) “o teatro é tão significativo para a formação humana, pois permite que o sujeito pense acerca de suas atitudes, de seu comportamento diante de determinada ação, podendo modificá-la, transformá-la.”

Em nossa concepção, o professor que desenvolve um trabalho voltado às artes, neste caso, ao teatro, é um professor que acredita numa educação estética. Para isso, é necessário munir-se de pensares de pesquisadores que, como Estévez, sinalizam que a educação estética encontra-se na interação do sujeito com as relações que se apresentam diante dos olhos, ou seja, o professor que busca trabalhar as questões estéticas com seus alunos precisa diagnosticar se essa relação com os pares, e com o meio, se dá de maneira a contemplar o belo, a admirar, porque a beleza do externo possibilita que admiremos a beleza interna (ESTÉVEZ, 2003).

Estévez (2003, p.56, 57) ainda assinala que a formação integral da personalidade “requer o desenvolvimento de elevados sentimentos estéticos que se projetam na atividade humana.” Assim, a educação estética permite a construção de uma concepção de mundo, delineando “as normas sociais no profundo mundo psicológico-emocional do indivíduo, a fim de que se convertam em normas de sua conduta.” Um dos objetivos

essenciais da educação estética é, justamente, o desenvolvimento das capacidades criativas da personalidade em todas as redes de relações do sujeito, como processo efetivo de constituir-se como parte da natureza, em um movimento profundo e radicalmente humanizador.

Por esse motivo, o trabalho com o teatro, pensado e desenvolvido com os alunos do quarto ano, recebe uma conotação estética, pois foi elaborado para acontecer de maneira a exaltar o belo, o que há de bom na arte e, desse modo, propiciar esta percepção dentro da mente de cada uma das crianças. Outro aspecto que salientamos, e que é importante esclarecer sobre a educação estética, é o fato de ela se voltar ao desenvolvimento dos sentidos. E pela percepção do mundo por meio dos sentidos é que se pode acentuar e desenvolver nas crianças a capacidade de fruição diante de uma obra, criada, também, por causar algum sentimento, ou seja, a estética está relacionada com a ampliação dos sentidos humanos e de como as crianças veem, ouvem, cheiram, degustam e apalpam. Compreendemos que a educação estética trata de desenvolver nos alunos a capacidade para admirar-se diante do belo e indignar-se diante do hediondo. Sendo assim, este trabalho voltado à apreciação e construção das artes encontra-se diretamente ligado a esta concepção. E, embasando esta nossa compreensão sobre educação estética, as autoras Dolci e Molon nos dizem que “é preciso o aperfeiçoamento das percepções dos sujeitos, da capacidade de captar a beleza do mundo, de criar e desenvolver sua identidade e, nesse processo, perceber que a dimensão estética é parte da evolução humana.” (DOLCI; MOLON, 2018, p. 795).

Nesta perspectiva de educação estética, é possível perceber que o que essas autoras afirmam, nas palavras acima, está longe de se tratar do julgamento, por exemplo, de um desenho esteticamente bonito ou da estética superficial, dos tratamentos de beleza no que se compreende, atualmente, como a conhecida ditadura da moda, que determina o que é belo ou feio usando a estética como nomenclatura. Essa estética, que nos acompanhou na elaboração deste trabalho e que defendemos, refere-se a ter a capacidade de olhar a vida de uma maneira crítica, buscar sempre os aspectos admiráveis de cada elemento pertencente ao cotidiano, sendo eles belos ou não, mas desenvolver essa capacidade de observação e expor sua opinião. E, também, ter a possibilidade de mentalizar e absorver o que há no ambiente, elucidando o que há de bom e de não tão bom, sendo crítico com o que provoca algum sentimento no seu eu, somente dessa maneira, o indivíduo externará o que tem de mais belo dentro de si. Acreditamos que um profissional da educação que objetive um trabalho voltado a esse foco, que consiga observar e buscar o belo nas pequenas coisas, pode sim contribuir para o desenvolvimento do pensar estético das crianças e possibilitará uma reflexão sobre uma nova maneira de ver a vida, mais bonita e convidativa a novas vivências construtivas.

4 Considerações finais

Após as reflexões aqui propostas e as análises dos dados, podemos concluir que este estudo objetivou compreender percepções relativas à atividade de teatro em sala de aula. Embasada em uma perspectiva de educação estética, foi realizada uma pesquisa sobre os sentidos e os significados que o teatro possibilitou na vida das crianças do quarto ano. Este trabalho possibilitou reflexões sobre a prática docente, fortalecendo os objetivos e consolidando nossa percepção de educação voltada ao sentido estético. Acreditamos que, por meio da sensibilização dos sentidos, conhecemos e apreciamos o mundo em que vivemos.

A metodologia utilizada foi planejada de maneira a contemplar os objetivos determinados por esta pesquisa, mas para possibilitar, principalmente, momentos de conscientização sobre o olhar estético. Vale ressaltar que os vinte e cinco alunos participantes da pesquisa viveram experiências desafiadoras e esses momentos propiciaram aos alunos o desenvolvimento de aspectos como: a autonomia na construção da peça teatral, a liberdade de criação, o trabalho coletivo para a criação e a concretização da peça, permitindo que os alunos expusessem suas ideias e as suas opiniões de maneira respeitosa com os demais, desenvolvendo o senso crítico, de posicionamento perante a situação proposta, a realização da peça em si, bem como nas etapas que envolveram o preparo e a apresentação da encenação.

A partir dos estudos realizados e registrados neste trabalho, percebemos o quanto o teatro ajudou, de certa forma, na vida dessas crianças e essa ajuda somente se tornou viável pela participação coletiva em todas as etapas da organização e confecção de materiais para a peça. Quanto ao aspecto relacionado à superação da timidez, podemos dizer que o trabalho com o teatro favoreceu alguns alunos, auxiliando que ultrapassassem essa dificuldade. Destacamos o caso de um aluno que, como pudemos perceber, se desenvolveu pela contribuição do teatro, especificamente, para seu cotidiano, pois não costumava se expor e, após essas intervenções construtivas, passou a se colocar como membro do grupo. Este aspecto da superação da timidez foi evidenciado não somente no caso desse aluno, bem como nos demais, desencadeando um aumento na autoestima e na autoconfiança desses alunos em relação ao grupo, ao se sentirem seguros para executarem de maneira autônoma tudo o que cercou a construção do espetáculo.

Destacamos a valorização do trabalho coletivo, mas não como um trabalho em grupo comum e sim como um trabalho em que todos participaram ativamente e se ajudaram mutuamente. Também é necessário valorizar a autorreflexão apresentada pelos alunos ao escreverem suas respostas ao questionário, apresentando profundas reflexões sobre o que o teatro mudou nas suas vidas pessoais e escolares. Foi possível perceber, a partir de verbalizações e das análises realizadas, a capacidade desenvolvida por eles de compreender e de reconhecer, que mesmo sendo uma prática lúdica e

descontraída, é preciso que haja disciplina e organização para realizar com objetividade, para, efetivamente, acontecer o compartilhamento da mensagem entre o público e os atores/autores do espetáculo. E um dos aspectos importantes, em todo esse processo, do trabalho lúdico, foram a alegria e a felicidade expressas nos relatos dos estudantes, pois na maioria dos questionários, apareceram essas palavras regadas de significações pelos integrantes da pesquisa, demonstrando que o trabalho desenvolvido atingiu os objetivos pensados para ele.

Depois de observar estas questões expressas, é possível afirmar que as práticas experienciadas com o teatro, ou seja, a organização das falas a fim de relatar a história com início, meio e fim, a confecção do figurino, os ensaios com os integrantes da peça teatral, a apresentação da peça e os momentos de descontração, contribuíram para verificar que todo o processo serviu para consolidar teorias e práticas pensadas para possibilitar uma educação de qualidade às crianças do Ensino Fundamental. Asseguramos que o teatro oferece ao aluno oportunidades para atuar como sujeito no mundo, pensando, refletindo, opinando, criticando e participando.

Com esta pesquisa, reforçamos as nossas crenças de que o teatro na escola precisa ser uma atividade assídua e contínua, proporcionando aos alunos liberdade de construção e criação diárias. Verificamos que é fundamental trabalhar dessa maneira, pois, assim, conseguimos realizar um trabalho de (re)construção do conhecimento com os alunos. O teatro permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana, existindo um clima de liberdade para que o aluno libere suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições e sensações. Quando o aluno interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo.

Ao concluir este trabalho, esperamos, com esta pesquisa, ter contribuído para o conhecimento do tema investigado, elucidando os aspectos desenvolvidos nos alunos que participaram do teatro na sala de aula do quarto ano do Ensino Fundamental. Igualmente, almejamos que este trabalho instigue outros pesquisadores à realização de estudos neste sentido, possibilitando o preenchimento de outras lacunas ainda existentes neste amplo tema de pesquisa que é o teatro na educação.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf> Acesso em: 27 nov. 2014.

BELINKY, Tatiana; GOUVEIA, Julio. Teatro para crianças e adolescentes. A experiência do TESP. In: ZILBERMAN, Regina. *A Produção Cultural para a Criança*. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1990.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BROOK, Peter. *A porta aberta: reflexões sobre a interpretação e o teatro*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DOLCI, Luciana Netto. *A influência do teatro no desenvolvimento do aluno*. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, Porto Alegre, 2003.

DOLCI, Luciana Netto. *Educação Estético-Ambiental: potencialidades do teatro na prática docente*. Tese (Doutorado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2014.

DOLCI, Luciana Netto; MOLON, Inês Susana. *Educação Estético-Ambiental: o que revelam as dissertações e teses defendidas no Brasil*. RIAFE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v.13, n.2, p. 785-806, abr./jun., 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaeev13.n2.2018.9656

ESTÉVEZ, Pablo René. *A educação estética: experiências da escola cubana*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.

FRANCO, Maria Laura P. B. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução Jesus Ranieri. 4ª ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MINAYO, M.C.S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, acriança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Encontros e encantamentos na educação infantil: Partilhando experiências de estágios*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

REVERBEL, Olga Garcia. *Um Caminho do Teatro na Escola*. 2ª ed., São Paulo: Editora Scipione, 1997.

SALTINI, Claudio. *Afetividade e Inteligência: a emoção na educação*. Rio de Janeiro: WAK, 2008.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, I.V. Possibilidades e intervenção no brincar da criança com deficiência visual. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, volume 12, número2, 2016.

SOUSA, I.V. A cena teatral de Parauapebas na resistência do ator. *Revista Funec Científica Multidisciplinar*, SP, v. 5, n. 7, 2016.

URBIM, Carlos; ROSA, Rodrigo. *Negrinho do pastoreio e outras lendas gaúchas*. Porto Alegre: editora RBS produções, 2004.

WARSCHAUER, Cecília. *A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

XAVIER, Maria Luiza M. Introduzindo a questão do planejamento: globalização, interdisciplinaridade e integração curricular. In: XAVIER, Maria Luiza M. e ZEN, Maria Isabel H. Dalla. Planejamento em destaque: Análises menos convencionais. *Cadernos Educação Básica*. 5ª ed. Porto Alegre, 2001.

Recebido em: 24/04/2017

Aprovado em: 23/10/2018